

Um ponto de vista sobre os cenários e articulações para formação profissional em museologia: Conquistas e perspectivas no Brasil*

Maria Cristina Oliveira Bruno

Brasil

Porém, a sua transformação técnica não é o que nos interessa aqui. Muito mais importante foi a sua transformação, por assim dizer moral. Mas é que o verdadeiro museu não ensina a repetir o passado, porém a tirar dele tudo quanto ele nos dá dinamicamente para avançar em cultura dentro de nós, e em transformação dentro do processo social.

Mario de Andrade, 1938

PRESENTACIÓN

A reflexão aqui apresentada corresponde a um ponto de vista sobre o percurso trilhado por aqueles que se interessam pela formação profissional em Museologia e para o campo dos museus no Brasil. Em alguns aspectos, essas reflexões já foram apresentadas em outras oportunidades, quando o tema da formação profes-

sional e acadêmica assumiu protagonismo no âmbito das discussões sobre museus.

Trata-se de percurso longo, trilhado desde o início do século XX, multifacetado e com rotas que têm buscado a especialização dessa formação, entrecruzada com outras que, nitidamente, valorizam as opções interdisciplinares e multiprofissionais. São rotas que, por um lado, priorizam o protagonismo das coleções e acervos das instituições museológicas e, por outro, fazem emergir as questões socioculturais que definem a vocação pública dos museus.

A formação profissional para os museus brasileiros registra trajetória não linear, mas com momentos significativos, com esforços de muitas gerações de técnicos e professores, de modalidades diferenciadas de ensino, mas, es-

Escenarios y articulaciones para la formación profesional en museología: conquistas y perspectivas en Brasil.

pecialmente, permeada por utopias e conquistas sistemáticas.

Sublinhamos que os museus permitem e exigem a atuação de profissionais de diferentes campos em função de sua natureza interdisciplinar e de seus compromissos multiprofissionais e, neste sentido, cursos com tipologias acadêmicas distintas podem contribuir com a proposição e desenvolvimento das múltiplas facetas do fazer profissional no âmbito destas instituições.

No Brasil, as questões referentes à historicidade dos museus, ao tratamento diferenciado dos acervos, aos meandros dos processos curatoriais, às diferentes funções públicas deste modelo de instituição que articula preservação e desenvolvimento, entre muitos outros enfoques temáticos, também estão presentes nos programas de outras formações profissionais, para além da Museologia.

Mas, neste texto, gostaríamos de propor uma reflexão a partir do olhar voltado à formação em Museologia e como esta vem se consolidando no país e ainda como estabelece diálogo com outros campos profissionais. É uma reflexão permeada, cabe lembrar, por um ponto de vista de uma profissional que sempre aliou o trabalho cotidiano nos museus, com o exercício da docência em Museologia e com a militância pelo reconhecimento deste campo disciplinar.

O início da profissionalização em Museologia, no Brasil, data de 1932 com a implantação do primeiro curso de graduação no Rio de Janeiro, hoje vinculado à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO. Esta iniciativa pioneira e empreendedora nasceu da utopia de entusiastas, voltada para o reconhecimento da importância dos museus para a

construção de nossa nacionalidade. Esse “Curso de Museus”, referencial até os dias atuais, estabeleceu sólidas raízes e delineou os primeiros caminhos para o exercício da profissão museológica. Caminhos, esses, que ao serem percorridos por diversas gerações de estudantes e professores, têm estabelecido diferentes diálogos com outros campos de conhecimento, com profissionais de outros países e, em especial, testemunham a grande mudança no contexto dos museus.

Essa primeira experiência que carrega os elementos do “mito de origem” da profissionalização foi desdobrada, de forma indireta, ao longo das décadas de 1950 e 1960, em diferentes modalidades de cursos de curta duração dispersos por diversas regiões do país, despertando a vocação de muitos professores do ensino fundamental e médio para as preocupações patrimoniais com a História e Arte. Concomitantemente, os grandes centros brasileiros acolheram outras experiências estrangeiras, repassadas em cursos de diferentes modalidades e aplicados para distintas tipologias de museus.

A partir da década de anos de 1970 esses caminhos foram bifurcados, desbravando novas rotas e reverberando os impactos da formação profissional e acadêmica para o cenário museológico brasileiro. Por um lado, despontou nesse momento a segunda graduação no país na Universidade Federal da Bahia/UFBA e, por outro, surgiu o primeiro curso de especialização, em São Paulo, na Fundação Escola de Sociologia e Política. Alargou-se, portanto, não só a regionalização das rotas e dos caminhos do ensino, mas, sobretudo, ampliou-se a compreensão sobre a nossa complexidade socio-

cultural e a respectiva necessidade dos cursos corresponderem a este desafio no âmbito dos estudos de pós-graduação.

As décadas que separaram a primeira iniciativa dessa fase de proliferação de caminhos contaram, ainda, com diversas realizações de projetos de capacitação profissional a partir do entusiasmo de autodidatas, de profissionais de outros campos, de colecionadores, de artistas, entre muitos outros entusiastas da importância dos museus para a educação que, em diferentes regiões brasileiras, semearam a utopia e o germe da educação a partir das instituições que colaboram com a administração da memória.

As duas últimas décadas do século passado testemunharam um efervescente debate em torno da profissionalização das instituições museológicas, da importância da perspectiva processual para o gerenciamento dos museus, para a valorização das memórias exiladas, para a necessidade de ampliação dos repertórios patrimoniais, entre muitos dilemas que foram enfrentados pelos museus.

Em certo sentido, esses debates no Brasil acompanharam movimentos internacionais no campo museológico, mas, por outra perspectiva, reconhecemos que este enfrentamento foi permeado por questões inerentes às lutas pela redemocratização do país. Esses embates, de certa maneira, estimularam o surgimento de novas modalidades de cursos, ampliaram o perfil e o escopo dos trabalhos acadêmicos e incentivaram a realização de muitos encontros, congressos e simpósios que sempre dedicaram especial atenção à capacitação profissional.

Nesse mesmo período a atenção sobre os museus passou a fazer parte dos interesses

acadêmicos no âmbito de outras formações profissionais. Destacam-se nesse cenário, especialmente, as interlocuções com os campos da Arquitetura, História, Artes e Comunicação.

Apesar das crescentes preocupações com a função social dos museus e com a importância da educação para o patrimônio, os dilemas dessas décadas projetaram a formação profissional para as abordagens sobre “contenentes” e “conteúdos” museológicos, ou seja, as adaptações ou construções de edificações corretamente projetadas para as funções museológicas, por um lado avançaram em muitas questões técnicas, e os esforços para os estudos e organização dos acervos, por outro lado dinamizaram o uso das coleções de distintas tipologias.

Esse período registra, ainda, o início da produção acadêmica a partir de mestrados e doutorados, com forte concentração em universidades de São Paulo e do Rio de Janeiro e com temas voltados para as interlocuções entre os museus e a sociedade, com expressiva ênfase para os problemas educacionais.

O século XXI encontrou o cenário profissional museológico com alto grau de profissionalização, com crescente produção acadêmica comprometida com abordagens sobre a nossa realidade, com um grande número de cursos de especialização e de curta duração que muito acrescentaram à importância das graduações já consolidadas e, notadamente, com grande interesse em construir um campo museal múltiplo, plural e voltado para a educação para o patrimônio.

Nesse período podemos destacar o Curso de Especialização da Universidade Federal de Goiás, o Curso de Especialização da Universidade Estadual de Santa Catarina, o Curso de

Especialização do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, o Curso de Especialização da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; as experiências sistemáticas do NEMU - Núcleo de Estudos Museológicos de Santa Catarina, do Fórum Nordestino de Museus, do Fórum de Museus do Rio Grande do Sul e muitas dezenas de outras iniciativas que sempre permearam a tênue linha entre a utopia e a vontade de construção e consolidação de um campo profissional, por reconhecê-lo essencial para a cidadania.

Nesse fértil cenário, com o estímulo da Política Nacional de Museus, desbravada pelo Ministério da Cultura a partir de 2003, e com o incentivo do Ministério da Educação mediante a ampliação do quadro das graduações do país, assistimos e participamos de um significativo e fundamental aumento do número destes cursos no país. Já alcançamos o número de 13 novas graduações em Museologia localizadas em todas as regiões do país e vinculadas às seguintes universidades: Universidade Federal do Pará, Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal de Sergipe, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Universidade Federal de Goiás, Universidade Federal de Brasília, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal de Ouro Preto, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Barriga Verde, Universidade Federal do Paraná, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Pelotas. Essas novas iniciativas, portanto, vieram somar e acrescentar às experiências fundantes da UNIRIO e da UFBA.

Nos últimos anos o contexto acadêmico da Museologia também foi alvo de mais uma ini-

ciativa inédita da UNIRIO com a implantação do Programa de Pós-Graduação em Museologia (Mestrado e Doutorado), que tem evidenciado resultados auspiciosos a partir dos trabalhos de dissertações e teses. Em São Paulo, por sua vez, foi criada a Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo (Mestrado), contando com a participação dos professores do Museu de Arqueologia e Etnologia, do Museu de Arte Contemporânea, do Museu Paulista e do Museu de Zoologia e que pretende somar esforços neste contexto que, por sua vez, já conta com outra frente de trabalho junto à pós-graduação da Universidade Federal da Bahia em processo de implantação.

Esses caminhos que têm sido abertos e trilhados por aqueles que se interessam pelo campo da Museologia continuam contando, com a atuação sistemática de múltiplas perspectivas de ensino e pesquisa que, a partir de outras áreas de conhecimento, contribuem com a problematização dos museus brasileiros e colaboram com aportes interdisciplinares.

Essas décadas que ligaram o século passado a este que já estamos percorrendo também assistiram a um intenso diálogo com a Museologia internacional por intermédio do intercâmbio entre profissionais, instituições e bibliografias, pela presença sistemática de olhares estrangeiros na construção plural de nossa trajetória profissional e, especialmente, pela nossa intensa participação nas ações de outros países.

Nesse sentido, o Comitê Internacional de Museus/ICOM tem exercido um papel fundamental e renovado de órgão articulador de intercâmbios institucionais, trocas de idéias e reciprocidades de experiências. Da mesma for-

ma, o Instituto Brasileiro de Museus/Ibram do Ministério da Cultura e os Sistemas Estaduais de Museus têm evidenciado a preocupação central com a capacitação profissional, a partir de diversas iniciativas orientadas para cursos de curta duração.

Apesar dessa trajetória de nítidos avanços, o campo da formação profissional em Museologia no Brasil está ainda muito longe de atender às necessidades do país. Constatamos um nítido contraponto nos programas dos cursos, entre a ênfase sobre os aspectos técnicos do tratamento dos acervos museológicos e a expressiva valorização das discussões político-patrimoniais inerentes à nosso complexo perfil cultural.

Nesse momento, há uma preocupação singular com os conteúdos tratados nas disciplinas dos novos cursos de graduação, com vistas à equação de parâmetros comuns. Para tanto, foi criada a Rede de Professores Universitários de Museologia que tem se encontrado sistematicamente para as respectivas avaliações e discussões pertinentes a essa problemática. Outra questão que está vinculada a essas preocupações corresponde às reciprocidades entre os cursos e a dinâmica dos próprios museus brasileiros.

Reconhecemos que nessa longa trajetória, iniciada na década de 1930, a formação acadêmica tem avançado e tem procurado contribuir com a consolidação do campo profissional. Embora, apresente períodos menos expressivos que apontam para discontinuidades que são nítidas quando analisamos que os museus deste país necessitam ainda de muitos esforços para a qualificação e estreitamento das suas relações com a sociedade.

Quando as nossas reflexões identificam esses contrapontos, sempre voltamos aos textos da museóloga Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, professora e pensadora da Museologia deste país, para não desconsiderarmos que *“há, na realidade, uma museologia existente, real, que está aí fora, e há uma museologia postulada, sonhada, desejada”*.

BIBLIOGRAFIA

Andrade, Mário (1938), “Museus Populares”, in *Problemas, Revista Mensal de Cultura, seção Arte*, São Paulo, jan.

Bruno Maria Cristina Oliveira (2006), “Museus e Pedagogia Museológica: os caminhos da administração dos indicadores da memória”, in *Várias Faces do Patrimônio*, Santa Maria, Pallotti, pp. 119-140.

Guarnieri, Waldisa (1984), “Texto III”, in *Produzindo o Passado—Estratégias de construção do patrimônio cultural*, São Paulo, Brasiliense.